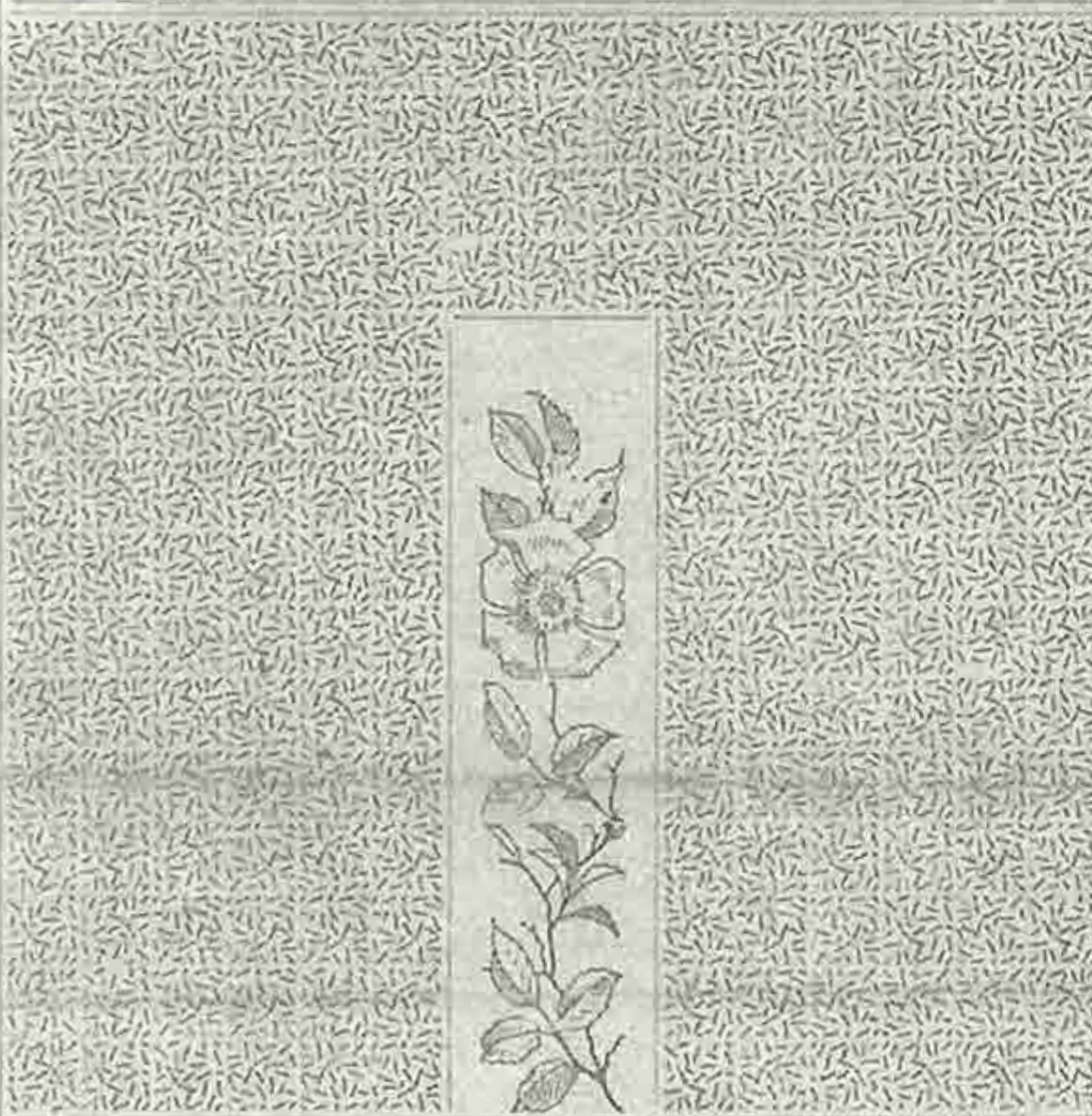


# BANDO ESCOLASTICO

## O S. NICOLAU

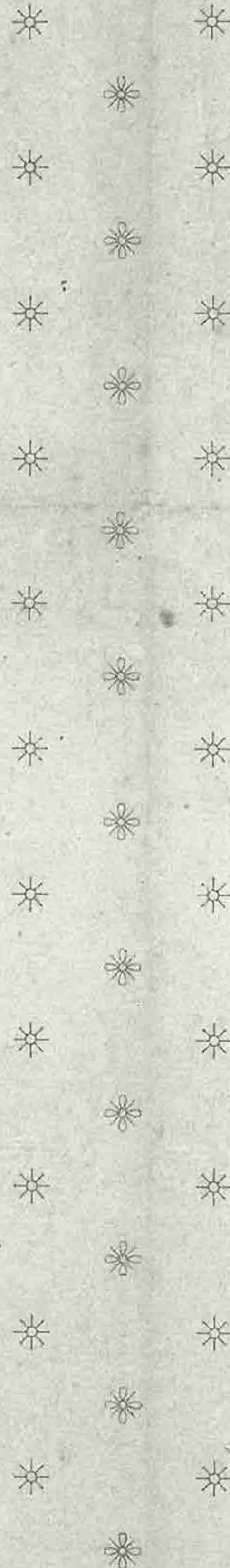
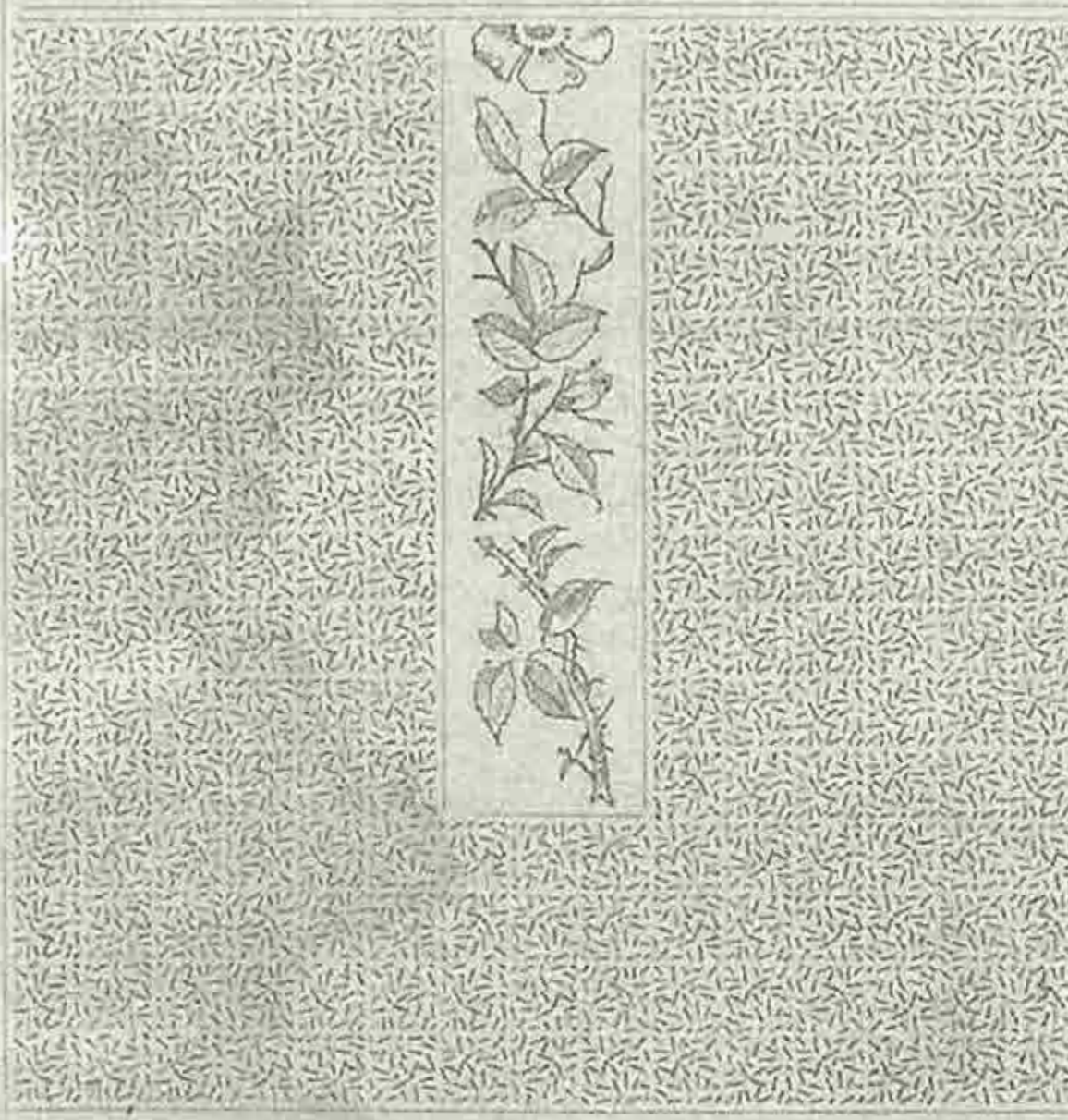
### EM GUIMARÃES



Recitado em 5 de Dezembro de 1901

Pelo Academico Vimaranesense

João Joaquim da Costa Oliveira Bastos



#### A RIR ...

O poema que vos mando, e que ha tão pouco vive  
E' o riso d'uma lyra encarquilhada e buzia.  
Versos de sentimento, os ultimos que tive  
Nunca os pude vender ... a trinta reis a dúzia...

Cingia-os o perfume ingenho d'esses goivos  
Que as virgens do Oriente, em tempos ja passados  
De noite iam depor nas campas dos seus noivos,  
Como mapeias de pranto em dias de finados.

Mas o mundo não gosta — e tem razão, decerto,  
De versos a contar... *historias de reveses*.  
Que, se a alma do Poeta é um grande livro aberto,  
Dos poetas o livro é um cancro, muitas vezes...

O meu livro era um cancro; e um cancro... demócrata  
D'esses que andam sem luva e de chapéu na mão,  
Escudendo no lenço a ausência da gravata  
E vão ja noite, ao luar, jantar por meio tostão...

Era um livro sem tom nem som; um esfarrapado,  
Um humilde, um plebeu — um livro pé descalço.  
E o mundo recusou-o ao vel' o, entasiado,  
Como recusaria... algum pataco falso...

Nem sequer possuía aquelle chiste infundo  
Que accusa um livro *dandy*, afeito a grande roda.  
Tinha alma, isso tinha; e isso é muito lindo,  
Mas tem um grande mal: é estar fora de moda!

Sim, isto d'alma é ja questão antiga e suja...  
E então deixando ir as mágoas a gandaia,  
Mandei para o diabo a *sobredita cuja*  
E resolvi fazer poemas d'outra laia...

Mas, como para o riso arfar com galhardia  
E' bom so tar a lyra a luz do dia pleno,  
Eu, que não tinha n'alma a luz do pleno dia  
Ilumnei a lyra... a gaz d'acyteleno...

O bando que ali vae foi construído assim,  
E embora vós tenhaes outras opiniões,  
'Stou quasi a acreditar que o estro foi p'ra mim  
Amavel como um *trunfo* em vesp'ras de eleições...

Se não for devolvido o *emphático prego*  
Não mais fabricarei poemas d'outra raça.  
Versos sentimentaes, morram como quem são:  
— Aos murros do carincho e aos pontapés da traça.

Porque afinal a — DOR —, a velha condemnada,  
E cousa — dizem ser — das mais deliciosas;  
Porem ninguem a quer... nem mesmo encardernada,  
Em volumes de luxo, e capas estrondosas...

Por isso é, julgo eu, que o poeta, de ordinario,  
Vivendo depennado e *liso* como um cego,  
Morre como Jezus morreu sobre o Calvario:  
— Sem ter uma de X nem ter que pôr no *prego*...

Que eu não sei se haveria (isto é o... necrologio  
D'uma *cebola*... um *prego* em tempo tão... rotundo,  
Mas p'lo tempo a que puz no *prego* o meu relógio  
Calculo que os houvese... antes de haver o mundo...

Ahi vae o bando... E' vosso, ó meus irmãos de ha annos!  
Hi! ahí muita amargura occulta em gargalhada.  
Não sahi como eu que'ria, em versos sobrehumanos,  
— Mas quem nazi mais tem não pode dar mais nada...

Guimarães, 29 — XI — 901.

Arnaldo Pereira

Silencio! Nem um pio!... Um homem bem creado  
Não vai mettêr nariz onde não é chamado.  
Para não apanhar alguma das dês *racha*,  
Mette a viola ao saco e váe calando a *caixa*  
— Sobre essa má questão que pela imprensa lavra  
Tem a palavra o *Nemo*, — o *Nemo* da «Palavra»...

Guimarães! Guimarães! Como tu estás mudada!  
Desde que tens polícia, a grande força armada,  
E galgas a Avenida, arfando a taes abalos,  
Nos carros a vapor do Cosme... a três cavallos,  
Grandes cousas distingo, ó Guimarães! ó obliquo  
Berço do grande Affonso e mais do *Trinta e Cinco!*  
Abalam-te com ância os príncipes reaes,  
Cortejos, excursões, e tantas cousas mais,  
Que eu pasmo, e scismo, e trêmo ao ver-te assim mudada!  
Guimaraes! Do que vejo eu nao percêbo nada!  
Quem te viu, como eu vi, despida de arrebiques,  
Jogando á tarde o peão com D. Affonso Henriques,  
Camisa suja, o pé descalço, os punhos rôtos,  
A corrêr á pedrada os velhos e os garôtos.  
Quasi não chega a crêr n'essa transformação:  
— E's um perfeito *dandy*... armado á *Benoiton!*...  
Mas vóa, Guimarães, n'esse voar insano!  
Váe de Relho á estação e da estação ao Cano;  
Corre a Fafe em combóyo, entoando no regresso  
Hymnos ao modernismo e *hossanas* ao Progresso!  
Pinta o jardim a verde e as tôrres a vermelho;  
Váe corrêr á pedrada os paços do concelho:  
Deixa viver tranquilla e em páz, risonha e fátua  
A larva aos pés da herva, e a herva aos pés da estátua;  
Transforma do jardim o lago em póça tectrica;  
E accende o teu charuto á luz da *luz eléctrica*,  
E ao passar, ao voar, como um tufão que corre,  
De S. Dámaso lança abaixo a cruz da torre,  
Que eu tudo louvo e approvo... achando tudo pouco...  
Tem cautella, porém... Váe, corre como um louco,  
Assim como um trovão do azul que se despenha,  
A' Penha pela Costa e á Costa... pela Penha;  
Mas ás Hortas não vás... Se tens amor á vida,  
Se não quer's pôr em risco as ventas na corrida,  
Prohibe que se passe ali sem fogo ou *isca!*  
— O conselho é sensato; e se o seguir's á risca,  
Não terás de chorar um dia, ó tristes signas!  
Sobre as ruinas crueis do alinhamento em ruinas...



O consórcio famoso, o duplo casamento  
Que encheu ali a Sé foi caso de espanto.  
Ergueram-se os Camões dos Vascos da Parvónia,  
Para vêrem de perto a extranha cerimónia:  
— Quatro noivos a rir, vaidosamete ufanos,  
*Não conhecidos* inda ha cousa de três annos...  
E a Surpreza e o Espanto, alados como a brisa,  
Sairam para a rua em fralda de camisa,  
A cantar, a pular, saudando a patuscada!

Safou-se para o Carmo o chafariz antigo!  
Querendo acautellar os seus pulmões em p'riço,  
Affectados do mal que á noite, ás horas mortas,  
Anda em carro de bois a *badalar* ás portas,  
Fez uma figa ao lar, já velho e sem encanto,  
E foi propôr um *sólo* ao velho *Campo Santo*.

Ficou-nos o pinheiro, a *força dura e infesta*,  
Erguido pela CAPA em monumento á FESTA.  
Se acaso algum futrica ousar mettêr bedelho  
N'esta festa ou quizer vir dar algum conselho,  
Seja amarrado... — vivo — ao nosso bom pinheiro,  
Como se amarra a um tronco um velho cão rafeiro.  
Para não mais voltar aqui a mettêr nariz,  
Julgando morta a lei do antigo chafariz.

Bátem-se em guerra aberta, a fogo vivo e fêro,  
As legiões do Papa e as hostes de Lutherô.

A nobre *espadeirada* e os clássicos *bananos*  
Andam de braço dado, a rir, como marcanos,  
Dançando o *balance*... clássico nos lombos,  
Que apanham p'ra tabaco e vão rolando aos tombos...  
Herões da mesma grey! deixem-se de questões;  
Façam tambem *accôrdo* e vão ás eleições!

Sacerdotes do altar olympico do Estudo!  
Não nos olheis assim, com gesto carrancudo.  
Não falla a nossa festa ao vosso génio austero?  
— *A festa é uma lição*: marcae-nos mais um zero...  
Mas deixae-nos gosar os dias do folguedo  
Que p'ra recuar, é tarde, e p'ra acabar, é cedo.  
O goso é a luz; e a luz é o báculo da Sciência.  
No goso arde o pharól de brilho sobrehumano  
A cujo sól desperta o sól da Consciência  
E começa a pensar o pensamento humano...  
Esta é a philosophia egrégia dos annaes:  
— Já assim philosophava os páes dos nossos páes...  
E se vós repontáes e em voz sonora e alta  
Juráes ainda assim marcar mais esta falta  
Ficáes segunda vêz vencidos na contenda:  
— *Folga que não se dá, váe-se buscar á venda*...  
Uma dor de barriga, um callo impertinente,  
Um dente *aqui a doêr extraordinariamente*,  
Um pé *n'uma desgraça*, um golpe... um typho, mesmo,  
Vêdem-se tão barato, em qualquer parte, a esmo,  
Que, — francamente o digo e affirmo a quem está —  
Nao vale a pena a gente andar corada e sa!  
Irêmos pois comprar... quê?... Uma indigestão...  
Como era dia grande comemos hoje... á ceia  
Uma lampreia fresca, e o ráio da lampreia  
Veio-nos *para aqui*... fazer judiarias...  
— É doença que nos dura, o menos, oito dias!  
Um attestado faz o resto; e um attestado  
É cousa que nos custa apenas um cruzado...

Se algum casquilho alvar, julgando ser um sábio,  
Quizer tentar provar com lérias de alfarrábio  
Que a festa a Nicoláu devem cavar-lhe a tumba  
Porque lhe mata o somno a golpes de zabumba,  
Polícias da *Central*, de que o *Petim* é o chefe!  
Derretei-lhe o costado á força de tabefe...  
Que nunca mais nos ladre em tal occasião.  
Quem não quer apanhar não seja refilão;  
Metta a falla no buxo em vêz de dar ao rabo  
E mude para a China ou vá para o diabo!

Caixeiros do *Bom-tom*! Arautos da *Tabúa!*  
Julgáes já morta a guerra? A guerra continúa!  
— Eu n'isto não levanto um falso testemunho:  
Caixeiros n'esta festa, e de zabumba em punho,  
A metralhar sorrindo a cauda dos trovões,  
Vinham-nos povoar a capa... de borroes...  
Não! Não triumphareis! Que vós correis á pista,  
E' cousa que conhece-se... *á primeira vista*...  
Mas n'esta guerra hostil, n'este combate incúrio  
O archanjo é Nicolau e a víbora é Mercúrio!  
As vossas legiões, *virgens de guêrreas scenas*,  
Não têm valor algum: — são frágeis e pequenas.  
A um tiro de baqueta erguido nas fileiras  
Mândam-vos para a fava e fôgem das trincheiras!  
Tricanas para a lucta, espéram-nos formadas:  
— Grandes como os herões! loiras como as espadas!  
Não teme nem se curva a forças sobrehumanas  
Quem tem pelo seu lado o bando das tricanas!  
— *Caixeirinhos do High-Life!* Eu quebro o vosso sceptro!  
Pedi a páz! deponde o *cócol* alçae o metro!  
Que o *cóco* ha de cair aos pés do nosso gôrro,  
Humilde e penitente assim como um cachôrro...  
E, pois que n'esta lucta o vencedôr só escapa,  
Metro! curva o joelho e beija a mão á Capa!

Maravilhas de nome, em face das *guerrilhas*  
*Tomou a cruz* e fêz e disse maravilhas!  
Tremêram de pavôr comarcas e concelhos;  
E Guimarães, curvada, e as turbas, de joelhos,  
Fôram ouvir de perto o extranho paladino.  
Retumbou pelo vácuo em convulsões um hymno;  
E as brisas de S. Pedro, as brisas liberaes,  
Ajoelharam fieis na nave dos rosáes,

Fazendo ajoelhar as pedras das calçadas,  
E as loiras multidões, as multidões curvadas!

— E até a própria Avenida, a arêna das peixeiras,  
De tanto ajoelhar... ficou com joelheiras...

Venha de longe, em guerra, ali para os Pombaes,  
Cavallaria em barda... e alguns municipaes,  
Para salvar da unha hostil das populaças  
O nosso Nicolau, que váe fallar ás massas...  
Gargalhem pelo espaço os lábios do clarim,  
N'um chinfrim colossal, n'um trágico chinfrim,  
P'ra julgarem lá fóra, em outras regiões,  
Que Guimaraes já sabe... *armar* revoluções!...

Tricanas da Bohémia! Heróicas borboletas  
Que andaes voando em tórno ás nossas capas pretas,  
Tentando, desafiando o nosso olhar risonho,  
Bohémio do Luar cuja canção é um sonho!  
Vinde poisar em nós, ciganas da gandaia!  
— No gôso e no folgado a capa é irmã da saia!...  
Mandae para o diabo a agulha dos teares,  
E vinde-nos tecêr, de braço dado, aos pares,  
Camisólas d'um linho erótico e macio  
P'ra o nosso coração, que anda a tremêr com frio!...  
Vinde em massa, aos milhões, cantando na amplidão:  
— *Lá vem o sér doutór...* Ai riem?... Pois então  
Julgo que d'esta vêz apanho o meu quinau...  
Se até vos ouço já dizêr: — *Sim, bacalhaul...*  
Vivandeiras da capal é vir e rir sem medo,  
Que a capa — bem sabeis... é firme, e de segredo...



Faltou-nos este anno o riso do Sampaio!  
— A primavera azul murchou sem ter um Maio! —  
Tendo perdido d'alma a páz que a Alma invade  
Vagueia a soluçar os hymnos da Saudade  
Pelas galés da Ancia ardente e sepulchral.  
— Filhos de Nicolau! Bombos em faneral!  
Na Dôr, como na Morte, o ruído sepultae-o.  
O Sampaio não vem; choremos o Sampaio.  
O seu riso vagueia, exangue e desgrenhado,  
De grilheta no pé, assim como um forçado,  
Pela noite da Mágoa, a noite dolorida,  
Condemnado febril do *Além* por toda a vida!  
Não o deixemos só; levêmol-o na ancía,  
Atravéz da penumbra hostil da solidão,  
Como Deus que atravessa os mundos da distancia  
Levando no Infinito um astro pela mão!

Saudemos aqui, n'um brado inconfundível,  
Do Braulio glorioso o nome imperecível.  
A elle, que deu vãos á nossa festa antiga,  
Levando-a pela mão, dando-lhe a mão amiga,  
E a lyra tryumphantante, e a alma diamantina,  
A ellê a saudação da capa e da batina,  
Sõe um grito vibrante, elástico, profundo...  
Uma capa é uma alma e uma batina é um mundo!  
— Que esse mundo ajoelhe, e d'essa alma na aza  
Grave um hymno inflammado, um hymno azul em brasa,  
Em honra do poeta heróico e tryumphantante  
Cuja lyra doirada a acclama o estudante!



Senhoras!... Heroínas brancas, victoriosas,  
Filhas de reis, irmãs de príncipes!... Gloriosas  
Netas do Rei-heróe, fidalgas de linhagem

A que os reis vêm render preitos de vassalagem.  
A loira mocidade heróica e diamantina  
Rasgou aos vossos pés a capa e a batina!...  
— Vinde! o tapete é a capa, onde estremecem almas!  
— Passae! a esteira é o gôrro a explodir de palmas!  
Senhoras! coroaes a luz do nosso Amôr,  
Mandândo-nos os sôns d'uma risada em flôr  
No cálice dos vossos olhos diamantinos.  
— Deus fêz o vosso olhar p'ra se beber em hymnos!  
Dae-nos um sonho bom, ó filhas de Verdóths,  
Porque afinal sabeis... sabeis quem sômos nós?  
Pagens loiros do azul phantastico da Infância,  
Que andamos pelo Luar nos braços da Distância  
Quando vôam á noite, a par das andorinhas,  
Em núpcias de mystério os pagens e as rainhas!  
E quando do luar na alvura gloriosa  
Palpitam castamente, em frêmitos de rosa  
As luzes d'um olhar olympico que vimos,  
Pedimos esse olhar... e nada mais pedimos...  
— Fidalgas da nobreza heróica das sultanas!  
Saudae! coroaes as capas luzitanas!  
E as capas erguerão, cysnes da Madrugada,  
Um canto que soarà nos páramos sem fim  
Como um brado a irromper do azul d'uma Alvorada,  
Como um hymno a estalar em chamma n'um clarim.



Soldados de Minerva! A mim, *pela Fanfarra*  
Môrra o Silencio hostil nos braços da Algazarra!  
E nem um braço afrouxe em lucta tão mofina:  
— Guerra ao Socêgo! morte á Paz! Silencio á ruina!  
Gargalhem mil trovões em cada maçaneta,  
Escangalhando o mundo a golpes de baqueta...  
Quebrem os hombos! Rasguem as pelles! Partam os braços!  
Mas ponham-me *isto tudo* em trinta mil pedaços!  
Um vendaval de sons phantastico e profundo  
Sõe de pólo a pólo e vá de mundo em mundo,  
Accordando ao passar, em chamma, hallucinado,  
As brumas do futuro e os echos do passado!  
Para que o mundo julgue, ouvindo a guerra crúa,  
Que anda lá em cima o Meira a qu'rer prender a Lua!!

Arnaldo Pereira



Caro João, responde: O bando?... foi impresso?  
Não?... Que?! Foi?!... E' boa!... E' extraordinario!  
E o que disse o Sampaio?... e o Braulio?... Falla, peço.  
E o Albano Bellino? e o padre commissario?...

Recitaste? E que tal?... *Correu regularmente...*  
Isso era de prever... pois não?... Eu logo vi...  
Que dizes?... *Muito bom?! Não oiço... Estas contente?!  
Gostaram d'elle?!... que?! Repete... não ouvi...*

*Palmas?! Um parabem?! Pois que!... deram-se palmas?!...*  
Então caiu em graça... *Não?! Que dizes? Hein?*  
— Valha-me S. Thiago! Otha lá se me acalmas...  
Falla mais alto e claro... Ah! agora oiço bem...

*Acharam muito bom... assumptos palpitantes,  
Um chiste muito fino, um chiste aristocrata,  
D'este que so se encontra em meza de estudantes  
E é servido a farta em calices de prata...*

Mas isso, meu João, é caso de arrebique...  
São homens p'ra fazer de mim... commendador...  
E eu que não possuo um fato muito chic,  
Visto que devo o outro ainda ao mercador...

Hein?! Que tal? Imagina, eu, feito conselheiro,  
E tu... marquez ou... bispo... Hein? que dizes? *Servia?...*  
E, — o que é muito melhor — ganhando bom dinheiro,  
Para... pregar um cão ali, ao Ze Maria...

Eu não sei... mas afirmo — e d'isto eu encho o labio —  
Que dava em sacrisião, se o padre fosse... madre...  
Mas espera... que é mister saber um sabio?  
Enédito, é claro — um sabio que não ladre...

Não saber cousa alguma? Olha que espiga torta!  
Com isso não contava; é um grande contratempo!...  
Bem! Serei deputado... o circulo pouco importa;  
O que eu quero, isso sim, é que isto rime em empo...

Ainda que... não sei... mas talvez que um ministro  
Faça melhor figura e ganhe mais dinheiro;  
Porque além do *ordenado assente no registro*,  
Se elle é homem honrado e o braço é bem ligeiro...

Depois não é preciso a gente ter talento:  
— Mais burro, mais feliz... E' certo, é sem remissa...  
'Sta decidido, sim. Vou ver o parlamento,  
Montado como um rei na pasta da justiça!

E tu?... que quer's ser tu?... Policia? Deputado?  
Par do Reino? barão?... Escolhe! e grande a lista:  
Visconde ou sapateiro. Ou bispo... sem bispado...  
Ou regedor, ou duque... ou cônego, ou dentista...

Em que pensas?! Responde! O que?! *Não quer's ser nada?!  
Hein? Bruto como O' rico como um judeu?!...*  
Tu és tolo, dia... Espera, camarada...  
Talvez tenhas razão... Sim! O tolo sou eu!

Sêr bruto e ter dinheiro!... Ha lá cousa melhor?!...  
Ja não quero mais nada... Agora... espera lá...  
Burros somos já nós... e a massa, que é o peor?  
Homem! tu não a tens?!... Que dizes!... *Não a ha?...*

Olha que espiga esta, ó João! e que remate!  
Ora não termos nós as taes *loiras... cantantes...*  
Bem! Fiquemos então, embora isso nos mate,  
Sem *massa*, como sempre — e burros, como d'antes!...